

## Editorial<sup>1</sup>: “Eu quero nascer, quero viver!”

**Lindamir Salete Casagrande**

E-mail: lindasc2002@gmail.com  
Universidade Tecnológica Federal  
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Michel Alves Ferreira**

E-mail: maferreiragi@gmail.com  
Universidade Tecnológica Federal  
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Humberto da Cunha Alves de Souza**

E-mail: hu.souza@gmail.com  
Universidade Tecnológica Federal  
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Thiago Teixeira**

E-mail: thiagoteixeiraf@gmail.com  
Pontifícia Universidade Católica de  
Minas, Belo Horizonte, Minas  
Gerais, Brasil.  
Revista Senso, Belo Horizonte,  
Minas Gerais, Brasil.

**Nanci Stancki da Luz**

E-mail: nancist@terra.com.br  
Universidade Tecnológica Federal  
do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.

Nascer! Viver! Duas palavras tão simples e eternizadas na voz do grande sambista brasileiro Cartola. Palavras estas que podem remeter não somente à estética/poética de sujeitos que buscam a si mesmos (na urgência de encontrar o sentido de/para suas vidas), mas também à complexidade e desafios de nascer/viver no mundo, especialmente pensando em grupos sociais estigmatizados por estruturas de sociedade e poder pautadas em violências de classe, raça, gênero e território, enfim na iniquidade insistente.

Respirar torna-se altamente difícil. No Brasil, mais de 542 mil<sup>2</sup> pessoas morreram em decorrência da COVID-19 (dados de julho de 2021), realidade que deixa marcas profundas em cada um/a de nós. Famílias sem poder se despedir de seus entes queridos enfrentam sofrimentos e desafios imensuráveis. A vivência do luto é desafiadora, pois com a necessidade de isolamento social, o apoio e o cuidado ficam comprometidos; com a restrição de visitas a hospitais e ausência de exéquias, os momentos finais de homenagem/agradecimento ou os atos sublimes de perdoar e ser perdoado ficam prejudicados, o que intensifica a dor dos que ficam. Nossos sinceros sentimentos e solidariedade a todos e todas que enfrentam a dor do luto. Que possamos nos fortalecer e juntos/as resgatar a esperança de dias melhores.

O negacionismo de governantes e de parcela da população tem contribuído para a disseminação de notícias falsas, maldosamente construídas e que dificultam o controle da pandemia, sobrecarregando o sistema de saúde e o trabalho dos/das profissionais da área. Neste momento é necessário reafirmar a defesa da vida e reverenciar o trabalho das e dos profissionais da saúde (médicas/os, enfermeiras/os, auxiliares de enfermagem, pessoas que trabalham na limpeza dos hospitais e unidades de saúde e na alimentação das pessoas que vivem momentos tão difíceis em busca de respirar, de viver) que se dedicam de corpo e alma para salvar vidas. Agradecemos por não desistirem de nós!

Às/Aos profissionais da educação que sempre mereceram nosso respeito e valorização, nossa gratidão! Nestes tempos tão difíceis, reinventaram-se de um momento para o outro, a despeito do escasso apoio institucional. Tornaram-se especialistas em videoaulas, *lives*, ensino remoto, conteúdos digitais. Repentinamente foram obrigadas/os a desenvolver habilidades no meio digital e o fizeram de forma brilhante. O trabalho invadiu os horários de descanso, a privacidade de seus lares. Docentes não mediram esforços para estabelecer novas formas de se relacionar com as crianças e adolescentes, inclusive usando recursos próprios para

assegurar o aprendizado. Reconhecemos seus esforços e protestamos contra as condições precárias de trabalho a que estão submetidas e submetidos.

Nestes tempos pandêmicos de grandes dificuldades, incertezas e dores, fazer ciência representa resistência e preservação de vidas. Com recursos cada vez mais escassos, as universidades públicas resistem. Destacamos a força e a importância das/dos cientistas neste momento, em que precisamos mais do que nunca da ciência. Graças ao seu trabalho dedicado e especializado, a vacina contra a Covid-19 foi desenvolvida em tempo recorde. Agradecemos a persistência e determinação de todas/os e clamamos pela vacinação de todos e todas, já!

Feitos os agradecimentos tão necessários e relevantes, destacamos que não é possível refletir sobre o nascer e o viver sem questionar a noção de sujeito universal, uma vez que essa universalidade dificulta que políticas públicas contemplem a pluralidade e a diversidade humana, impedindo a efetivação dos direitos fundamentais. Nesta perspectiva, a acadêmica e intelectual feminista argentina María Luisa Femenías nos alerta sobre como a construção da noção de sujeito foi excludente:

os únicos e verdadeiros “sujeitos” foram os homens e, ainda assim, nem sequer todos eles. Em suma, a totalidade das mulheres (e alguns homens) deviam viver subsidiariamente, vinculadas ao status do pai ou do esposo, de modo voluntário ou compulsório. Em alguns lugares do nosso planeta ainda é assim (FEMENÍAS, 2017, p. 177, grifos nossos, tradução nossa).

Os movimentos sociais, destacando-se os movimentos feministas, movimentos LGBTI+ e movimento negro, bem como os estudos sobre gênero, diversidades e relações étnico-raciais, foram fundamentais para a conquista de direitos individuais e coletivos que atualmente estão sob ataque no mundo, notadamente no Brasil.

Destacamos a importância da divulgação científica. Ao longo dos 16 anos de existência, a revista Cadernos de Gênero e Tecnologia (CGT) contribuiu para que resultados de estudos interdisciplinares de gênero fossem democratizados, colocando-se à disposição da comunidade científica para a divulgação do conhecimento produzido.

Agradecemos a todas as pessoas que contribuíram e contribuem para a construção desta história, destacando autoras, autores, avaliadoras, avaliadores, leitoras, leitores e equipe de suporte técnico, imprescindíveis em cada uma das mais de quatro dezenas de edições já publicadas. Neste momento, contar com a confiança e parceria de tantas e tantos pesquisadoras/es que continuam desenvolvendo pesquisa em nosso país nos enche de alegria.

Assim chegamos ao número 44 da CGT que tem colaboradoras e colaboradores de diversas instituições públicas e privadas de todo o território nacional, fato que realça o alcance que a CGT conquistou. Este número é composto por 37 textos, sendo 32 artigos de revisão teórica/metodológica ou apresentação de resultados de pesquisa, 2 ensaios, uma entrevista e duas resenhas. Do total dos artigos apresentados nesta edição da revista, 16 são textos aprovados para o dossiê temático *Tecnologias do eu, tecnologias de gênero: devires, existências, resistências*

e *diversidades*<sup>3</sup>, publicado em 2020 e cuja quantidade de artigos submetidos foi tão significativa que não coube em um único número.

Os textos apresentados nesta edição buscam uma reflexão crítica sobre a realidade que clama pela consolidação dos direitos de mulheres, negros/as, pobres, população LGBTI+ e como forma de reafirmar a esperança de um mundo de justiça social e de equidade. Mostram ainda, a diversidade de temas que estão sendo estudados por pesquisadoras e pesquisadores atuantes nas diversas instituições nacionais. Lhe convidamos a apreciar, criticar e se inspirar para publicar conosco. Esta é uma revista criada por e para vocês. É um espaço de disseminação e socialização do conhecimento produzido nos diversos recantos nacionais e internacionais.

Sigamos juntas, juntos e fortes, apoiando-nos como pesquisadoras e pesquisadores, cuidando da saúde física e mental de todos e todas! Fiquem bem! Cuidem-se! Sejam generosas e generosos, pacientes e compreensivas e compreensivos umas com outras para que consigamos passar por este momento pandêmico da melhor maneira possível.

Boa leitura!

### NOTAS

<sup>1</sup> O título pensado para este editorial parte de um trecho da canção “**Preciso me Encontrar**”, samba composto por Antonio Candeia e gravado por Cartola, em meados da década de 1970. Ver: CANDEIA, Antonio. Preciso me encontrar. Produzido por Juarez Barroso. *In*: Cartola. São Paulo: Discos Marcus Pereira, 1976, faixa 5.

<sup>2</sup> Conforme dados do Ministério da Saúde do Brasil. Disponível em: <https://qsprod.saude.gov.br/extensions/covid-19.html/covid-19.html.html>. Acesso em: 19 jul. 2021.

<sup>3</sup> Disponível em <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/issue/view/586>.

### REFERÊNCIAS

FEMENÍAS, María Luisa. ¿Qué decimos cuando decimos “sujeto”? *In*: TAMANINI, Marlene; BOSCHILIA, Roseli; SCHWENDLER, Sônia Fátima (org.). **Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade**. Curitiba: Editora da UFPR, 2017, p. 175-19.

**Recebido:** 10/06/2021.

**Aprovado:** 10/06/2021.

**DOI:** 10.3895/cgt.v14n44.14394.

**Como citar:** CASAGRANDE, Lindamir Salete; FERREIRA, Michel Alves; SOUZA, Humberto da Cunha Alves de; TEIXEIRA, Thiago; LUZ, Nanci Stancki da. Editorial - Eu quero nascer, quero viver!. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 01-04, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

**Lindamir Salete Casagrande**

Av. Sete de setembro, 3165, Curitiba, Paraná, Brasil.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

